UMA REFLEXÃO ACERCA DA SANTIDADE FEMININA A PARTIR DA HAGIOGRAFIA DE SANTA LÚCIA E SANTA PELÁGIA, PRESENTES NA *LEGENDA ÁUREA*

A REFLEXION ABOUT THE FEMININE HOLINESS FROM THE HAGIOGRAPHY OF SAINT LUCIA AND SAINT PELAGIA IN THE *GOLDEN LEGEND*

Heverton Rodrigues de Oliveira[1]
Ana Teresa Marques Gonçalves[2]

Resumo

Este trabalho é parte de uma pesquisa que procura abordar o tema da santidade feminina presente na obra do frade dominicano Jacopo de Varazze, *Legenda Áurea*, organizada na segunda metade do século XIII com o intuito de colaborar com os frades pregadores na formulação dos seus sermões. Faremos uso da hagiografia de duas mulheres, Lúcia e Pelágia, ambas figuras pertencentes ao cristianismo antigo. Nosso objetivo é analisar a possibilidade de santidade como uma via de promoção da mulher na sociedade medieval e como os exemplos de santas da antiguidade cristã contribuíram na estruturação da espiritualidade feminina na Idade Média. Percebemos como a Igreja fez uso dos relatos de vida de algumas santas para difundirem o ideal de pureza, virgindade e penitência como modelo para as mulheres medievais.

Palavras-Chave: Santidade, Legenda Áurea, feminina.

[1] Especialista em História Cultural pela Universidade Federal de Goiás – UFG. Professor de História no Ensino Fundamental e Médio da Rede Particular. Endereço de e-mail: heverton.de@hotmail.com

[2] Professora da Faculdade de História/ Universidade Federal de Goiás/Campus Samambaia. Endereço de e-mail: anateresamarquesgoncalves@gmail.com

Abstract
This paper is part of a research that tries to approach the theme of women's holiness shown in the works of the Dominican monk Jacopo de Varazze, Legenda Áurea, organized in the second half of the XIII century with the purpose to collaborate with the other preaching monks in the making up of their sermons. We will make use of the hagiography of two women, Lúcia and Pelágia, both figures pertaining to the old Christianism. Our goal is to analyze the possibility of holiness as a means to promote women in the medieval society and how these examples of women saints in the old Christianism contributed to the structuralization of women's spirituality in the Medieval Ages. We realized how the church made use of the personal narratives of some women saints to spread out the ideal of purity, virginity and penitence as a model for medieval women to follow.
Key-Words: Holiness, Golden Legend, femininity.

Neste artigo tentaremos discutir dois modelos de santidade proposto às mulheres: o de virgindade e de penitência. Antes de entrarmos nesta discussão precisamos conhecer um pouco da obra onde encontramos as hagiografias de Santa Lúcia e Santa Pelágia, a *Legenda Áurea*

A *Legenda Áurea* foi escrita no século XIII, por volta do ano 1260, pelo frade dominicano Jacopo de Varazze para colaborar com seus confrades, da Ordem dos Pregadores, na preparação dos sermões aos fiéis. A Ordem dos Pregadores, conhecida também como dominicanos, foi fundada por Domingos de Gusmão (1170-1221) no ano de 1215, sendo a pregação o grande objetivo da ordem.

Jacopo de Varazze (1226-1298) ocupou funções importantes no interior da Ordem, ensinou teologia em Gênova, foi superior provincial na Lombardia entre os anos de 1267 e 1277, assumindo novamente o cargo de 1281 a 1286. Em 1292 foi nomeado arcebispo de Gênova, atuando nesta diocese até sua morte em 1298. Escreveu várias obras de cunho litúrgico, como sermões e o *Líber Marialis* (1295), mas sua obra de grande destaque foi a *Legenda Áurea.* A obra teve sucesso tanto no meio eclesiástico quanto entre os leigos, foi traduzida no século XIV para todas as línguas vernáculas da cristandade, e segundo André Vauchez "a *Legenda Áurea* tornou no século XIV, o livro de cabeceira dos leigos devotos" (VAUCHEZ,1995, p.165).

A HAGIOGRAFIA COMO GÊNERO LITERÁRIO

Para a composição da obra o autor faz uso de um gênero literário, a hagiografia, que no século XII era também conhecida como hagiologia ou hagiológica. Michel de Certeau, em seu livro *A escrita da História,* define a hagiografia como o gênero literário que "destaca os 'atores do sagrado' os santos, e visa à edificação (exemplaridade)" (CERTEAU, 1982, p. 242).

A hagiografia recorre aos *'exemplum'* ou '*exempla'*, que são relatos da vida dos santos utilizados em discursos com a finalidade de convencer os crentes, para dar ênfase no papel dos santos enquanto modelos de seguidores de Cristo, é na vida do santo enquanto imitador do Mestre Jesus que reside sua grandeza. Para Michel de Certeau o essencial da hagiografia não é apresentar o que realmente ocorreu, mas sim o que é exemplar na vida de homens e mulheres que alcançaram a santidade (CERTEAU, 1982, p. 242). De acordo com Hilário Franco Júnior este gênero literário é o principal elemento da estrutura narrativa da *Legenda Áurea.*

A hagiografia cristã surge no II século com a finalidade de guardar a memória dos primeiros mártires cristãos. Com o fim das perseguições no século IV, temos um segundo momento da hagiografia, composta por relatos da vida de eremitas e ascetas do deserto. Segue-se a um período de valorização dos santos fundadores de Ordens religiosas e de místicos; ao contrário do martírio onde o destaque era dado a morte, neste segundo momento a atenção se volta para toda a vida do santo (CERTEAU, 1982,p. 242).

OS SANTOS NA LEGENDA ÁUREA

A *Legenda Áurea* está dividida em cento e setenta e cinco capítulos, contendo as principais festas litúrgicas da Igreja e a vida de santos e santas, grande parte mártires do início do cristianismo. Jacopo de Varazze destaca apenas três hagiografias de santos contemporâneos à composição da obra, que são: Pedro Mártir, Domingos de Gusmão, fundador de sua ordem e São Francisco de Assis, apresentando também dois santos do século XII, Bernardo e Tomás Becket. A partir do século XII a cristandade volta seu olhar aos santos e santas que se destacaram nos primeiros séculos da Igreja, seja pela defesa da fé até o martírio ou pela vida de penitência e oração, o que fica claro na obra de Varazze, onde é concedido um destaque maior a um tipo de santidade, a do mártir.

A figura dos mártires dos primórdios do cristianismo sempre exerceu fascínio na literatura e nas práticas litúrgicas cristãs, sendo o martírio adaptado no decorrer dos séculos. Para André Vauchez a devoção aos santos e santas "provém do culto dos mártires que, durante algum tempo, foram os únicos santos venerados pelos cristãos e conservaram no seio da Igreja um considerável prestígio" (VAUCHEZ,1989,p. 212). Com uma maior estabilidade política frente ao Império Romano o martírio de sangue foi sendo aos poucos substituído pelo martírio da penitência e da prática das virtudes, no qual se destacaram a vida de homens e mulheres no deserto.

A SANTIDADE FEMININA

A santidade feminina aparece na *Legenda áurea* nos relatos da vida de trinta e uma mulheres, dentre estas, dezoito são apresentadas como modelos de virgindade e pureza muitas defendendo a virgindade até o martírio de sangue, quatro são mulheres que deixam uma vida de pecado, segundos os padrões cristãos, abraçando uma forma de vida de penitência e conversão. As demais são apresentadas como peregrinas, mulheres do Novo Testamento como Marta e Maria irmãs de Lázaro, Petronela que segundo a tradição seria filha do apóstolo Pedro, Maria Madalena e outras. Sendo nosso foco nesta comunicação dois modelos de santidade feminina que perpassa a obra de Jacopo de Varazze, o de virgindade e pureza, duas virtudes defendidas até o martírio sofrido por várias mulheres, e o de arrependimento e penitência.

A hagiografia mais antiga contendo o relato de uma mártir é a *Paixão de Perpétua e Felicidade*, segundo a historiadora Carolina Coelho Fortes

> mártires mulheres, entretanto, não recebiam a mesma atenção que sua contra-parte masculina. Desde muito cedo as comunidades cristãs favoreceram clérigos proeminentes, e assim, por definição, homens, em seu reconhecimento de heróis comunais. Logo não surpreende que dos 120 mártires listados por nome na História Eclesiástica de Eusébio (c. 313) (EUSÉBIO DE CESARÉIA, 2001.) apenas quinze são mulheres. Foi somente no IV século, muito depois de seus martírios, que relatos das vidas e mortes de grande parte das mártires começaram a constar no calendário de santos. (FORTES, 2005, p.1).

Michel de Certeau afirma que as mulheres aparecem tardiamente nos relatos hagiográficos e em pequeno número, estando elas anteriores apenas ao grupo de crianças que para ele é "muito menos compacto" (CERTEAU, 1982, p. 244). Para a historiadora Carolina Coelho Fortes um dos fatores que dificultava o acesso das mulheres à santidade era o fato de estarem excluídas do clero, pois a maioria dos santos eram membros do clero, era esta a vocação que mais produzia santos.

Analisando a santidade feminina, o medievalista Jacques Le Goff, afirma que o cristianismo representa uma possibilidade de promoção da mulher "houve muitas delas entre os mártires. Muito cedo elas bateram às portas da santidade. Há coortes de santas, às quais os fiéis dedicam suas devoções" (LE GOFF, 2010, p. 68).

Dentre as hagiografias de mulheres apresentadas na *Legenda Áurea* observamos vários elementos comuns, como a caridade com os pobres, o desejo de preservar a virgindade, o testemunho da fé e resistência diante de carrascos, a conversão e uma vida de penitência. Para André Vauchez

> A hagiografia e, depois, uma certa historiografia revelaram uma tendência para apresentar os santos não só como seres de exceção, mas também, e sobretudo, como figuras repetitivas, em cuja vida o único elemento suscetível de mudança era o quadro espácio-temporal em que se inseriam e mesmo esse esboçado de uma forma esquemática, como uma espécie de cenário adequado à valorização da perfeição do herói ou da heroína (VAUCHEZ,1989, p. 211).

A HAGIOGRAFIA DE SANTA LÚCIA

Analisaremos a hagiografia de Santa Lúcia, representada na *Legenda Áurea* como um dos modelos de virgindade, possuindo na sua história aspectos comum às outras virgens citadas por Jacopo de Varazze.

Lúcia, natural de Siracusa, filha de Eutícia, mulher que sofria de hemorragias, em busca da cura para a enfermidade da mãe, peregrina até o túmulo de Santa Ágata, virgem e mártir protetora da cidade de Catânia, onde perto do túmulo da santa é apossada de grande sono tendo uma visão. Nesta visão a própria Santa Ágata lhe aparece rodeada de anjos e ornada de

pedras preciosas e lhe diz: "Minha irmã Lúcia, virgem devotada a Deus, por que pede a mim o que você mesma pode conseguir, neste instante, para sua mãe? Saiba que ela acaba de ser curada pela fé" (VARAZZE, XIII, p. 78). Ficando a mãe curada no mesmo instante, Lúcia diz à ela que não quer um esposo e que distribuirá seu dote aos pobres. Voltando para a casa, mãe e filha, vendem os bens e distribuem aos pobres. Ao saber do acontecido o noivo de Lúcia, a acusa diante da justiça de ser cristã e de violar as leis imperiais. O cônsul Pascásio obriga a virgem a sacrificar aos ídolos, mas esta recusa afirmando que "o sacrifício que agrada a Deus é visitar os pobres e prover às suas necessidades, mas como não tenho mais nada a dar, ofereço a Ele a mim mesma" (VARAZZE, XIII, 78). Defendendo a castidade, Lúcia diz ao cônsul serem os que levam uma vida casta templos do Espírito Santo, Pascásio ordena que a levem a um prostíbulo para que seja violentada e perca este espírito, a virgem lhe responde com a seguinte afirmação: "O corpo só é corrompido se o coração consentir, porque se você me fizer violentar, será contra minha vontade, e ganharei a coroa da castidade" (VARAZZE, XIII, p. 79).

O cônsul ordena que a levem e torturem-na até a morte, mas segundo o relato de Jacopo de Varazze, mil homens tentaram retirá-la do lugar, mas esta permanecia imóvel, foram acrescentadas mil parelhas de bois, mesmo assim a virgem não se movia. Pascásio mandou então acender uma fogueira em volta dela e jogar em seu corpo óleo fervendo, misturado com pez e resina. Mesmo assim Lúcia exclama aos presentes "obtive uma trégua no meu martírio para que os crentes não tenham medo de sofrer e os incrédulos tenham mais tempo para me insultar" (VARAZZE, XIII, p. 79), elemento comum entre os relatos de martírio é o incentivo aos demais cristãos que tenham coragem e permaneçam fiéis mesmo diante dos sofrimentos físicos e aos não-cristãos que se convertam frente ao testemunho de coragem e fidelidade do mártir.

Por fim o cônsul Pascásio ordena que atravesse a garganta de Lúcia com uma espada. O corpo da virgem não foi retirado do lugar onde sofreu o martírio e esta permaneceu viva até que alguns cristãos lhe levaram o Corpo do Senhor, chamado de viático, pois segundo a fé cristã, este prepara o cristão para a grande viagem ao encontro face a face com o Cristo, o Divino Esposo das virgens. Jacopo de Varazze apresenta a data do martírio de Lúcia por volta do ano 310.

A figura da mulher como virgem, ideal da 'mulher-perfeição', bem difundido na Idade Média, tempo em que o autor organiza a *Legenda Áurea*, relaciona-se com o culto à Virgem Maria propagado de forma "assombrosa", segundo José Rivair Macedo, depois do século XI. Para este "entre os séculos XII e XV, no meio religioso, nas cortes aristocráticas e no meio urbano. Obtivemos três imagens femininas diferentes: a virgem, a dama e a burguesa" (MACEDO,1990, p. 42).

Há na obra de Varazze uma predominância de relatos de santas virgens, mulheres que em nome da fé no Cristo esperam ansiosas para o encontro com o único Esposo, o Esposo Celeste. Várias dessas virgens desprezaram famílias, pretendentes como no caso de Santa Lúcia, bens materiais, pois a elas interessavam muito mais os bens espirituais. A aparição de Santa Ágata na visão de Lúcia cercada de anjos e ornada de pedras preciosas trás consigo a imagem da esposa fiel que no céu recebe o prêmio da coroa das virgens, possuindo a corte dos anjos que a seguem. Quando Lúcia afirma ao cônsul Pascásio que receberá a coroa da castidade, pela fidelidade ao amor a Cristo, dá a este a razão primeira de sua fé, o desejo de unir-se e entregar a única coisa que lhe resta o seu próprio corpo, visto que os bens materiais já distribuiu aos pobres. Esta união mística entre a mulher e Cristo, visto como esposo é enfatizado como aspecto central da religiosidade feminina no século XIII, e nada melhor para convencer e fundamentar esta imagem de virgindade e pureza que os exemplos de mulheres que em nome de sua pureza, do seu amor a este Esposo, deram a própria vida, sofreram tormentos físicos e espirituais, mas resistiram e alcançaram a vitória, 'a coroa da castidade'.

A HAGIOGRAFIA DE SANTA PELÁGIA

Outro modelo de santidade feminina presente na *Legenda Áurea*, é o de penitência e conversão, representado pela figura de mulheres arrependidas, como Pelágia de Antioquia, Taís, Maria Egipcíaca e a própria Maria Madalena. Concentremo-nos na hagiografia de Santa Pelágia de Antioquia, como um dos modelos de santidade penitencial proposto pela Igreja às mulheres do medievo.

Pelágia é descrita na hagiografia de Jacopo de Varazze como uma mulher rica, de grandiosa beleza e "de hábitos ostentatórios e vãos" (VARAZZE, XIII, p. 145) o que leva o bispo de Heliópolis, Verônio, a inda-

gar sua fé diante de uma mulher que se interessa mais em agradar o mundo do que ele em agradar a Deus. Diz o bispo aos presentes diante da passagem de Pelágia e sua corte: "Na verdade digo a vocês que Deus apresentará essa mulher contra nós no dia do Juízo, porque ela se pinta com cuidado para agradar amantes terrenos, ao passo que nós negligenciamos em agradar o esposo celeste" (VARAZZE, XIII, p.145).

Na igreja depois de ouvir a pregação do bispo, Pelágia lhe envia uma carta com a seguinte mensagem:

> Ao santo bispo, discípulo de Cristo, Pelágia, discípula do diabo. Se quiser comprovar que é verdadeiramente discípulo de Cristo, que pelo que ouvi desceu do Céu em favor dos pecadores, digne-se me receber, por pecadora que seja, mas arrependida (VARAZZE, XIII, 145).

Ao encontrar com o bispo Pelágia cai aos seus pés e em lágrimas diz:

> Sou Pelágia, um mar de iniqüidades agitado por ondas de pecado, sou um abismo de perdição, sou sorvedouro e armadilha das almas. Muitos se deixaram enganar por mim e agora tenho horror de tudo isso (VARAZZE, XIII, 145).

O bispo a acolhe ordena-lhe uma penitência e ministra a ela o batismo. Alguns dias depois, Pelágia doa todos seus bens aos pobres e vai para o Monte das Oliveiras onde se torna eremita, morando numa pequena cela, passando a ser chamada de irmão Pelágio. Alguns anos depois um diácono peregrina à Jerusalém e por recomendação do bispo vai visitar o irmão Pelágio, segundo o bispo Verônio, este irmão era um verdadeiro escravo de Deus. Pelágia pede ao diácono que diga ao bispo para rogar a Deus por ela. Três dias depois voltando à cela o diácono encontra o irmão Pelágio morto, anunciando ao bispo a morte do santo irmão, todo o clero e monges vão à cela para a cerimônia das exéquias, ao retirar o corpo de um homem tão santo perceberam que se tratava de uma mulher, segundo Varazze "todos ficaram muito admirados, deram graças a Deus e em seguida sepultaram honrosamente o santo corpo" (VARAZZE, XIII, p. 145). Varazze data este acontecimento por volta do ano de 290.

No relato da vida de Santa Pelágia, figura de mulher 'arrependida' temos outra concepção de santidade feminina, que segundo André Vauchez é uma nova forma de santidade para o Ocidente, inspirada

na vida de ex-prostitutas como Pelágia de Antioquia, Taís, Maria Egipcíaca, tendo como princípio a procura por Deus iniciada no momento de encontro com Ele, no caso de Pelágia na conversão após a pregação do bispo Verônio. Estas figuras são apresentadas como novos modelos de mártires que substituem o martírio de sangue pelo da penitência.

Nos séculos XII e XIII há a difusão de uma espiritualidade penitencial, juntamente com o intuito da Igreja de fundamentar o sacramento da confissão, o que segundo a Igreja colaboraria para as mulheres, pois a contrição, o arrependimento dos pecados poderia proporcionar a estas a salvação e até mesmo a santidade, servindo assim de modelo e inspiração para outras. Dentre as diversas santas penitentes apresentadas como exemplos para as mulheres do medievo, a figura de Maria Madalena ganha enorme destaque, aparecendo também na Legenda Áurea.

CONCLUSÃO

Compreendendo a hagiografia na Idade Média como instrumento utilizado pela Igreja para impor seus valores, difundir suas ideias e normas de conduta, temos na figura das santas virgens a importância da preservação da virgindade, controlando desta forma a sexualidade e propagando o ideal de pureza em contraposição com o pecado das relações sexuais. Lembrando que no século XIII, período em que é organizada a *Legenda Áurea,* o ocidente cristão vive as transformações iniciadas dois séculos antes no papado de Gregório VII (1073-1085), com o que ficou conhecido como a Reforma Gregoriana. O século XIII assistiu a uma extrema preocupação com a sexualidade tanto dos clérigos, representada pela instituição do celibato, quanto dos leigos, pela sacralização do casamento. O papel das santas virgens mártires, como modelo de quem se abstém das relações sexuais visando o encontro com o único Esposo, o próprio Jesus Cristo, será o de reforçar por um lado a superioridade dos clérigos ao viverem o celibato e por outro controlar a sexualidade feminina visando o casamento ou a vida religiosa. O século XIII assistiu também a uma extrema preocupação com a memória penitencial, é este o século da instituição do sacramento da penitência. O papel das santas penitentes do deserto, como exemplos de quem abraça uma vida

de conversão, vem reforçar a política da Igreja na difusão de um sacramento que controlasse a vida de seus fiéis, sua consciência, seu imaginário, principalmente a vida das mulheres, controlando assim também sua sexualidade.

REFERÊNCIAS:

A) Fonte

VARAZZE, Jacopo de. *Legenda Áurea:* vida de santos. Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica de Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

B) Obras de Referência

GAJANO, Sofia Boesch. Santidade. In. LE GOFF, Jacques; SCHIMIDT, Jean-Claude. *Dicionário temático do ocidente medieval.* São Paulo: EDUSC, 2002. p. 449 - 462

C) Obras Gerais

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DUBY, Georges. *Idade Média, idade dos homens:* do amor e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

____. *Heloísa, Isolda e outras damas do século XII:* uma investigação. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

FORTES, Carolina. Os Mártires na Legenda Aurea: a reinvenção de um tema antigo em um texto medieval. In: LESSA, Fábio & BUSTAMANTE, Regina (orgs.). *Memória & Festa*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

LE GOFF, Jacques; SCHIMIDT, Jean-Claude. *Dicionário temático do ocidente medieval.* São Paulo: EDUSC, 2002.

____. *As raízes medievais da Europa.* 3ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

____. *Uma longa Idade Média.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MACEDO, José Rivair. *A mulher na Idade Média.* São Paulo: Contexo, 1990.

VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média ocidental:* séculos VIII a XIII. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

____. O Santo. In. LE GOFF, Jacques (direção). *O homem medieval.* Lisboa: Presença, 1989. p. 211-230.

Artigo recebido em 11 de setembro de 2011
e aceito em 30 de novembro de 2011